

Apresentação

Temos grande prazer de apresentar neste número da Revista InterCulturas o dossiê intitulado *Tradução como Mediação Intercultural: Perspectivas e Desafios*, que conta com 13 artigos e uma entrevista e mostra um panorama amplo e plural dos Estudos da Tradução e da Interculturalidade. Com o objetivo de refletir sobre o papel da tradução na construção de diálogos entre culturas, identidades e saberes diversos, 24 autores que atuam em universidades das cinco regiões brasileiras atenderam ao chamado da Revista e contribuíram com textos que abordam de formação de tradutores a cultura e poder, de estudos pós-coloniais e decoloniais a direitos linguísticos, revitalização e acessibilidade. As contribuições abordam a tradução em contextos de línguas indígenas, minoritárias, de migração, bem como estudos sobre tradução audiovisual, acessibilidade, interpretação comunitária e outras formas de mediação intercultural.

A fim de favorecer a leitura e evidenciar os diálogos possíveis entre as diferentes abordagens, optou-se por organizar os textos em seis blocos temáticos. O primeiro, **“Tradução, identidades e perspectivas decoloniais”**, reúne quatro artigos que discutem a tradução em interface com questões raciais, étnicas, de identidade e de poder, em diálogo com perspectivas críticas e pós-coloniais. Em seguida, o segundo bloco, **“Tradução e línguas indígenas ou minorizadas”**, apresenta quatro estudos voltados para a proteção, o empoderamento e a revitalização de línguas ameaçadas ou minorizadas, incluindo o mirandês e diferentes línguas indígenas brasileiras. O terceiro bloco, **“Tradução, acessibilidade e inclusão social”**, traz dois trabalhos que exploram a tradução como ferramenta de ampliação do acesso à cultura, à informação e à participação social. Na sequência, o quarto bloco, **“Tradução, tecnologia e terminologia”**, reúne dois artigos que discutem desafios contemporâneos na formação de tradutores e na elaboração de glossários especializados em contexto bilíngue. O quinto bloco, **“Tradução intersemiótica e diálogos artísticos”**, conta com um artigo que analisa recriações de obras literárias em diferentes mídias, evidenciando a tradução como espaço de mediação entre linguagens.

Por fim, o sexto bloco é dedicado a uma **entrevista** que aborda o papel da tradução no processo de preservação e revitalização do Tupi Antigo, no contexto dos Potiguara no Litoral Norte da Paraíba.

Iniciando o primeiro bloco temático e o dossiê, Davi Gonçalves reflete sobre a (im)possibilidade de traduzir raça ao analisar o texto de Harper Lee e sua tradução para o português brasileiro em “Turning b(l)ack in translation: An analysis of *To kill a mockingbird* & *O sol é para todos*”. O artigo analisa o romance *To Kill a Mockingbird*, de Harper Lee, e sua tradução para o português brasileiro, situando-os no contexto histórico e social do sul dos Estados Unidos durante a Grande Depressão. A partir de uma perspectiva crítica, discute a (im)possibilidade de traduzir a questão racial, articulando reflexões sobre história, classe e raça, com apoio em autores como Frantz Fanon. Ao considerar a tradução como espaço de mediação e dialogismo, o estudo propõe um debate sobre as dimensões sociais do racismo e aponta como pensar conjuntamente raça, história e tradução pode contribuir para caminhos de emancipação da população negra.

Em “Ruído branco: cotejo das traduções de *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon” Giulia Mendes Gambassi analisa duas traduções de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon publicadas por Renato da Silveira (2008) e por Sebastião Nascimento, com colaboração de Raquel Camargo (2020). A análise evidencia diferenças na concepção e na prática tradutória: enquanto Silveira adota um tom técnico-crítico, com comentários sobre a sintaxe, o “sabor” do texto e supostas falhas do original, inclusive suprimindo trechos, Nascimento e Camargo privilegiam notas que contextualizam a obra e aprofundam conceitos, sobretudo no tratamento das marcações raciais. Ao contrastar notas e passagens das duas versões, o estudo levanta a questão da possibilidade de uma tradução antirracista e propõe reflexões sobre caminhos para atingi-la.

Em “A Ressignificação de Malinche: Identidade, Poder e Mediação cultural em *La Malinche* de Carmen Tafolla”, Karine Klug de Souza e Camila Quevedo Oppelt analisam o poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla, sob a perspectiva da teoria de identidade e relações de poder de Bonny Norton (2000), discutindo a ressignificação dessa figura histórica marcada pelo estigma de traidora. Ao conceder voz à própria Malinche, o poema

rompe com a narrativa dominante, retratando-a como mediadora cultural capaz de transitar entre mundos distintos e construir uma identidade ancorada na mestiçagem. A leitura proposta evidencia o afastamento da imagem de submissão e o reposicionamento de Malinche como agente ativa na história.

Encerrando o primeiro bloco, “A tradução de variantes linguísticas da literatura anglófona: algumas reflexões sobre dilemas éticos” apresenta contribuições de Vanessa Lopes Lourenço Hanes enquanto reflete sobre algumas questões éticas implicadas na tradução de variantes linguísticas no polissistema literário brasileiro, tendo como foco principal a literatura anglófona. A análise aborda três eixos principais: aspectos mercadológicos, representatividade de grupos específicos e lugar de fala do tradutor, relacionando-os a debates mais amplos da área, como (in)visibilidade do tradutor, patronagem e conceitos de equivalência, fidelidade e lealdade. Defende-se que reconhecer-se como reescritor é um passo fundamental para que o tradutor possa sustentar seu projeto tradutório e lidar de forma mais consciente com os dilemas éticos que permeiam sua prática.

No segundo bloco, Maria Alice Antunes trata de políticas linguísticas e das iniciativas para a proteção e revitalização de línguas minorizadas ao analisar o caso específico do mirandês no artigo “Política(s) linguística(s): o caso do mirandês, uma das línguas minorizadas em Portugal”. O artigo examina a situação da língua mirandesa em Portugal, abordando seu histórico, políticas linguísticas e ações de intelectuais e pesquisadores voltadas à sua proteção e revitalização. A partir da descrição de José Leite de Vasconcelos e do reconhecimento da presença de quatro idiomas no país desde o fim do século XIX, o texto apresenta um panorama atual do mirandês e analisa as políticas implementadas para regular e influenciar seu uso e *status* em contextos sociais e institucionais. Destaca ainda o papel dos agentes na formulação dessas políticas e registra que a Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias, embora assinada, permanece sem ratificação pelas autoridades portuguesas.

Na mesma linha de revitalização, já no contexto brasileiro, “A Tradução de cantos sagrados em contexto de revitalização linguística: o caso do Toré Potiguara” é apresentado por Dherek Rinaldi Cabral, que traz alguns problemas e questões de tradução no contexto

de revitalização linguística do povo indígena Potiguara, que reúne cerca de 20 mil pessoas distribuídas por três terras indígenas e áreas urbanas do litoral norte da Paraíba. A partir de um processo iniciado em 2000, que envolve escolas indígenas, grupos de estudo e produções artísticas e acadêmicas baseadas sobretudo em fontes escritas dos séculos XVI e XVII, o estudo destaca a tradução de cantos sagrados de Toré para a língua ancestral como parte de uma retomada cultural que inverte a lógica monolíngue imposta pela colonização. A análise evidencia como o protagonismo indígena na tradução demanda novas categorias e uma abertura acadêmica para modos decoloniais de traduzir, em que autoria e identidade podem assumir contornos distintos do modelo ocidental.

Em “Pode o indígena falar? Tradução como empoderamento de línguas ameaçadas”, Adriano Clayton da Silva e Evelyn Rodrigues apresentam reflexões derivadas de uma pesquisa que articulou tecnologias de tradução e a língua indígena Sateré-Mawé, ameaçada de extinção na região do Baixo Amazonas. A experiência de ler, discutir e traduzir textos do português para o Sateré-Mawé motivou a equipe a aprofundar o olhar sobre questões de língua, identidade e representatividade indígenas, evidenciando que a voz dos povos originários ainda é pouco ouvida nas instâncias de poder ocidentais. Inspirado na concepção de Gayatri Spivak sobre o subalterno, o texto problematiza a mediação de discursos indígenas e aponta a tradução como recurso capaz de ampliar o acesso a esses conhecimentos, fortalecendo a autonomia e o protagonismo dos povos originários.

Encerrando o segundo bloco, Renata Passos Teixeira e Vanessa Regina Duarte Xavier trazem “A Terra dos Mil Povos: História Indígena do Brasil Contada por um Índio: A tradução etnolinguística como estratégia discursiva pós-colonial”, tendo como objetivos expor novos pontos de vista sobre a narrativa oficial do “descobrimento do Brasil” e demonstrar como uma obra com tradução etnolinguística contribui para a desconstrução do pensamento hegemônico europeu. Com base em autores como Spivak, Mbembe, Munduruku, Krenak e Quijano, o estudo destaca o papel da tradução etnolinguística realizada pelo próprio autor como instrumento intercultural e anticolonial, capaz de ressignificar fatos históricos e dar voz aos povos indígenas silenciados. A análise evidencia

a contribuição da obra para a desconstrução do pensamento hegemônico europeu e para a valorização das perspectivas indígenas na historiografia brasileira.

O terceiro bloco conta com dois artigos relacionados a acessibilidade e inclusão social. Liliam Cristina Marins, Cássia Rita Conejo Barbana e Gabriela de Souza Marques Valdevieso apresentam “A ferramenta tradutória de acessibilidade (áudio) descrição como mediadora na formação cidadã, crítica e cultural” para pessoas cegas ou com baixa visão, levando em consideração práticas sociais, culturais e do cotidiano. Partindo de um enfoque teórico, analisa como a tradução audiovisual (TAV) pode contribuir para superar barreiras atitudinais e práticas capacitistas, ampliando o acesso a espaços culturais e sociais. Com base nos estudos da TAV e nos estudos críticos da deficiência, o texto propõe pensar a tradução pelas lentes da acessibilidade, ressaltando sua importância para a promoção de uma sociedade mais justa e democrática.

Já em “Projeto MOBILANG/UFRGS: Assistência Linguística e Interpretação Comunitária como ferramentas de inclusão social”, Héctor Marques Pires Lehugeur, Anna Laura Volkweiss Machado e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard fazem considerações sobre a importância da mediação intercultural e da interpretação comunitária na sociedade. Nesse contexto, os autores apresentam o Projeto MOBILANG/UFRGS, que atua na prestação de assistência linguística em ambientes institucionais e comunitários, bem como na formação de tradutores e intérpretes comunitários. O texto expõe a motivação, as práticas e os resultados da iniciativa, destacando seu papel na ampliação do acesso à informação e na participação social de diferentes grupos linguísticos.

O quarto bloco reúne dois artigos relacionados à tradução e tecnologia e inicia com Lázaro Vieira Almeida de Oliveira Júnior e Nilson Roberto Barros da Silva tratando dos “Desafios na produção de um glossário terminológico bilíngue elaborado com base em Linguística de Corpus, Terminologia e Tradução”. O artigo relata os desafios enfrentados na elaboração de um glossário terminológico bilíngue de Direito Constitucional, considerando as especificidades das tradições *common law* e *civil law* e seus reflexos nos usos e significados dos termos. Com base em referenciais da Terminologia, da Linguística de Corpus e dos Estudos da Tradução, o estudo descreve as etapas do trabalho científico, destacando as dificuldades observadas na organização dos

dados nas fichas terminológicas e na etiquetagem, incluindo a tradução ou adaptação de termos em português e inglês.

Marileide Dias Esqueda vem a seguir para discutir o impacto dos avanços tecnológicos nos Estudos da Tradução em seu artigo intitulado *“From the race to machine translation to generative AI: Implications for the Translator Education”*. O artigo propõe uma reflexão sobre o papel dos docentes na formação tecnológica de tradutores, considerando a evolução e o impacto de ferramentas como a tradução automática, os sistemas de memória de tradução e suas interfaces com a inteligência artificial generativa. A partir de uma perspectiva histórica, discute como o desenvolvimento dessas tecnologias, da tradução automática nos anos 1940 às ferramentas de auxílio à tradução cerca de quatro décadas depois, vem transformando o trabalho do tradutor e exigindo competências técnicas específicas, com ênfase nos processos de ensino e aprendizagem voltados para essa dimensão tecnológica da prática tradutória.

Para encerrar a seção de artigos do dossiê, Gilles Jean Abes apresenta *“A tradução como mediação intercultural: versões intersemióticas da poesia de Baudelaire”*, no qual propõe uma reflexão sobre a tradução no que tange a seu potencial de mediadora intercultural, tomando como ponto de partida a obra poética de Charles Baudelaire e suas recriações em diferentes linguagens e mídias. A análise percorre traduções para o português e adaptações como o mangá *“As flores do mal”* (Oshimi, 2010), o quadrinho *“Mademoiselle Baudelaire”* (Yslaire, 2021) e a obra musical *“Fabulações baudelairianas”* (Marcondes, Lumatti, Faleiros, 2024), discutindo como essas versões intermidiáticas revelam a tradução (em sentido amplo) como passagem e espaço de diálogo entre expressões culturais diversas. O texto ressalta o potencial da tradução para promover relações entre diferentes grupos sociais e linguagens, configurando uma mediação intercultural que amplia as leituras e o alcance da obra em comunidades culturalmente heterogêneas.

Por fim, trazemos a entrevista intitulada *“A Preservação e revitalização do Tupi: um diálogo com Eduardo Navarro”*, realizada por Roberto Carlos de Assis e José Romildo Araújo da Silva Guyraakanga Potiguara. Nela é apresentada a trajetória e os desafios do Projeto POTI na formação dos primeiros professores potiguaras de Tupi Antigo, discutindo

obstáculos na produção de materiais didáticos, na criação de inovações linguísticas e na reintegração do idioma à vida cotidiana. Aborda o estágio atual da revitalização, marcado pelo surgimento de falantes proficientes, e reflete sobre o papel das traduções e das instituições acadêmicas nesse processo. Ao evidenciar a contribuição do projeto para o fortalecimento da identidade cultural potiguara e da diversidade linguística brasileira, o texto ressalta a relevância da preservação e revitalização das línguas indígenas como patrimônio cultural da humanidade.

E, para concluir esta introdução, destacamos que o dossiê oferece ao leitor e à leitora um conjunto de perspectivas e experiências que evidenciam a tradução como prática viva de mediação intercultural. Os artigos e a entrevista selecionados demonstram não apenas os desafios técnicos e teóricos da tradução, mas também seu potencial transformador nas relações sociais, culturais e políticas. Espera-se que esta coletânea inspire reflexões sobre as maneiras pelas quais a tradução pode abrir espaços de diálogo, reconhecimento e valorização de línguas, culturas e saberes historicamente marginalizados.

Boa leitura!

Camila Nathália de Oliveira Braga - Universidade Federal da Paraíba- UFPB

Igor Antonio Lourenço da Silva- Universidade Federal de Uberlândia- UFU

Roberto Carlos de Assis- Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Organizadores do dossiê

Tradução como Mediação Intercultural: Perspectivas e Desafios